



Ano 5; N.º169; Periodicidade (média): semanal

FOLHA INFORMATIVA N.º02-2012

A IMPORTÂNCIA DA REABILITAÇÃO DA ALDEIA DO PATAÇÃO

Entrevista realizada a três Avieiros, no dia 17 de Dezembro de 2011, às 16,50h, na aldeia Avieira do Patação, que se voluntariaram para auxiliar na limpeza e reabilitação da aldeia.

Neste dia de trabalho voluntário conseguiu-se juntar nove pessoas para limpar a aldeia do Patação e alagar a maracha do Tejo. Contou-se com a colaboração dos bombeiros municipais de Alpiarça, que vieram assistir a uma queimada controlada dos resíduos de vegetação que praticamente “engoliu” a aldeia e que agora houve que remover integralmente, para serem queimados, o que ocorreu neste dia.

Apresentamos os interlocutores da nossa entrevista, todos Avieiros: João Luís Lobo Cristino, Emílio Lobo Cristino e Tiago Miguel Mendes Cristino.

João Luís Lobo Cristino é natural do Porto da Palha, em Azambuja, nasceu no Hospital de Salvaterra de Magos, e é residente em Alpiarça. Até aos 12 anos de idade a sua habitação foi o barco dos seus pais. De acordo com o seu testemunho viveu na *emparadeira* do barco que é a zona central da bateira, onde a família cozinhava e as crianças dormiam e ficavam durante o dia. “O meu pai andava à vara, a minha mãe andava aos remos”. Havia dias em que João Lobo não ia à escola, porque se os pais estavam na zona do Carregado a pescar, não tinham tempo de chegar a horas para que o filho frequentasse a escola. “Era *cum’ós* ciganos”, e daí a associação da vida Avieira com a vida da comunidade cigana. João Lobo confirmou-nos que só muito tarde foi possível aos pais terem algum dinheiro para construir uma casa palafítica em madeira. Não foi o pai que fez a “barraquinha” [na sua expressão], tendo-a comprado na Palhota, onde se manteve de pé até há muito pouco tempo. Comprou-a por “cinco contos de réis”, o que naquela altura era uma fortuna para os pescadores. Só a partir dos 13 anos foi possível a João Lobo viver numa casa palafítica, porque até aí viveu sempre no barco.

Emílio Lobo Cristino é primo de João Lobo e reside no Porto da Palha. Confirmou-nos algo que raramente revela: “nasci no barco dos meus pais, na ilha dos Caracóis. Foi a minha mãe que me disse. Em frente à Palhota há uma ilha, entre Salvaterra e a aldeia da Palhota [Valada-Cartaxo]. Nasci aí e fui registado em Valada, no concelho do Cartaxo. A minha mãe e o meu pai moravam na Palhota”.

Tiago Miguel Mendes Cristino é filho de João Lobo, natural e residente no Porto da Palha.

Pergunta (P:) - Porque é que decidiram vir ajudar à limpeza da aldeia do Patacão e ao alagamento de salgueiros na maracha do Tejo?



João Lobo (JL): - Porque estou dentro do projecto em que temos andado a trabalhar, de candidatura dos Avieiros a património nacional. Também por ouvir dizer que é uma cultura importante. Da minha parte, hoje e sempre que seja possível, estou disponível para defender um património que vem do tempo dos meus antigos – do meu avô, do meu bisavô e por aí fora...

P: - Sente essa afinidade com os seus antepassados?

JL: - Sim, porque neste momento continuo ligado ao rio. Não sou Avieiro porque não tenho idade para isso, mas estou ligado à cultura Avieira, e porque é uma coisa que eu tenho que preservar porque é a minha arte e é dela que eu vivo. Eu vivo já de uma forma diferente deles [dos antepassados], porque com eles era diferente. É uma coisa que eu gosto de fazer com o projecto – alagar a maracha, ou seja, derrubar os salgueiros sem os arrancar e destruir, para que possam rebentar com força na primavera seguinte e para defender as margens do Tejo e as terras da lezíria do desgaste das cheias. Foi uma coisa que eu fiz quando era miúdo, quando tinha 16 e 17 anos. O trabalho pago que havia então era para a *Hidráulica* [hoje Administração dos Recursos Hidrográficos do Tejo], e eu aprendi e gostava de o fazer, como hoje gosto.

P: - Fazer o alagamento da maracha... Antigamente eram contratados pela Hidráulica para o fazer! Era todos os anos?

JL: - Como os salgueiros da maracha tinham que ser alagados de 7 em 7 anos, a Hidráulica contratava os mais velhos dos pescadores que durante o Inverno não tinham trabalho. A maracha era sempre alagada no inverno e só podia ser novamente alagada passados outros 7 anos. Num período que era durante um mês, davam-nos uma fatia de dinheiro e com ele pagavam-nos o trabalho de alagamento de uma faixa de maracha do Tejo. As margens não estavam como estão hoje, estavam sempre controladas. Num ano alagávamos aqui no Patacão, no ano seguinte alagávamos noutro sítio e íamos assim por *cortes*, ou zonas. Passados 7 anos voltávamos a fazer o mesmo no Patacão. De 7 e 7 anos o Tejo tinha sempre a maracha alagada de um lado e de outro, nos *cortes* [espaços, ou troços] definidos. Os proprietários também se preocupavam um bocadinho na zona deles em garantir o alagamento e também o faziam ou mandavam fazer. Pagavam para alagar os salgueiros daquelas margens para as fortalecer e defender as terras.

P: - Hoje está tudo abandonado?

JL: - Completamente... completamente!

P: - Quer dizer que este trabalho que agora fizemos, é como se estivéssemos a voltar atrás umas boas dezenas de anos para fazer a mesma coisa...

JL: - Por mim, posso dizer umas boas dezenas de anos, porque andei ali quando tinha 16 e 17 anos. Andei ali com o Zé Veríssimo – que Deus tem -, com o Zé Canino [Pequenino], que ainda é vivo, com o meu sogro José *Macetão*, com os *Branhas*... Eram todos os que na altura não tinham trabalho e não tinham searas e aproveitavam para ir ali trabalhar durante umas semanas. O pouco que sei aprendi com eles. As silvas tinham que ser roçadas, para limpar o terreno para que o alagamento dos salgueiros fosse bem feito. Esses pescadores foram os pais dessa maracha porque foram eles que a plantaram toda e eram eles os responsáveis pela sua limpeza. Eles sabiam bem o que faziam porque ganharam muita experiência e gostavam de manter as margens em segurança. A maracha foi plantada no rio ao longo dos anos pelos pescadores Avieiros. Quando aqui chegaram ao princípio o Tejo praticamente não tinha maracha. As margens estavam todas nuas. As cheias lavravam por tudo o que era sítio, destruindo as terras. Hoje, como estão os salgueiros, em mau estado, mesmo assim preservam muito mais as margens.

P: - O que quer dizer que, passados tantos anos, os Avieiros voltam a fazer este mesmo trabalho que, tanto quanto sabemos, não está a ser feito no Tejo...

JL: - Eu sei que este trabalho não está a ser feito em lado nenhum.

P: - O Emílio e o João estão a acenar que não com a cabeça. Isso que dizer que, para vós Avieiros, as margens do Tejo estão abandonadas...

JL: - Em trinta anos, isto não é feito em lado nenhum! É verdade! Se falarmos na zona de Valada do Ribatejo, Azambuja e Salvaterra, se calhar eu – que tenho 52 anos de idade – lembro-me que lá os proprietários, nas suas terras, alagavam os salgueiros há cerca de 40 anos. Mas desde então nunca mais vi ninguém fazer nada disso. Sou testemunha.

P: - Quer dizer que nesse aspecto o Tejo foi abandonado?

JL: - Completamente! Existe o assoreamento, e é a falta de conservação da maracha. Não há preservação nenhuma! Perdeu-se um bocado o interesse.

P: - Vale a pena voltar ao Tejo no sentido de fazer com que o Tejo volte a ser o que era dantes?

JL: - Com certeza! É preciso defender as margens do rio, para que não haja assoreamento, não haja poluição e para que o sável volte, até porque estamos a falar de um dos melhores rios em Portugal em termos de fauna piscícola. É de todo o interesse defender o Tejo e a sua maracha, plantar salgueiros na maracha se for preciso, porque não? Estamos no século XXI. Temos hoje tecnologia muito mais avançada para fazer o que eles antigamente faziam manualmente.

P: - Há essa consciência da vossa parte?

JL: - Com certeza! Quem aqui nasceu e que a primeira vez que foi lavado foi com a água do rio, tem que ter essa consciência. Pela vida fora bebíamos água do rio e fazíamos comida com a água do rio, sem ser filtrada nem nada. Nas zonas de maré, e aqui também se podia fazer o mesmo no Patacão embora não seja uma zona de maré, ia-se à praia e fazia-se uma poça na areia, de onde a água do Tejo aparecia, já filtrada pela areia. Era uma água com categoria, uma maravilha!

Emílio Lobo Cristino (ELC): - Nós ainda hoje temos um exemplo: - vamos ali ao Porto da Palha, na Azambuja, onde eu estou, e vemos que há cinquenta anos atrás a ilha - ou mouchão, como nós lhe chamávamos -, era defendida por pontões e por muita pedra que ali era posta. Foi tudo abandonado e hoje o mouchão deslocou-se trezentos ou quatrocentos metros. Já nada está como dantes, está abandonado, ninguém quer saber de nada.

JL: - O que o meu primo está a falar é uma realidade. Numa ilha que tem 30 ou 40 hectares e que é onde estão os cavalos da Fonte Boa [*cavalos até 3 anos que pertencem à Fundação Alter Real, das raças autóctones Portuguesas - Lusitanos, Alter Real e Sorraias*] tudo aquilo era preservado com estacaria e com pontões. Aquilo começou a ser abandonado em termos de manutenção das margens e hoje são muitos os hectares de terra que já desapareceram. Estamos a falar desta mas há mais, há ilhas que desapareceram completamente. Possivelmente o rio Tejo repôs noutro sítio, mas a realidade é essa, por causa da falta de cuidado e do estado de abandono a que o rio Tejo foi votado. Se houvesse a manutenção periódica como era feita nos tempos da antiga Hidráulica, nada disto se passava. Podia haver uma cheia que levasse alguma coisa, mas o principal era defendido. Hoje não é assim.

ELC: - Abandonam tudo e não fazem nada. Antigamente tudo quanto eram margens era maracha alagada e protegida e agora está tudo abandonado. Em Valada, a montante do Porto da Palha, que tem aquele tapadão de pedra, se não tivesse sido o meu primo [João Lobo] tudo aquilo teria ido por água-abaixo, porque o mar começou a descavar aquilo tudo com a cheia. O dique começou a cair, começou a cair, e ele teve que chamar a protecção civil. Não houve ninguém que lá tivesse posto umas estacas ou outras protecções. Não se tratou de plantar salgueiros para defender aquelas margens e aquilo aconteceu. A gente fala dos nossos comandantes mas a gente também fala dos nossos patrões, que são os principais interessados.

JL: - Ninguém consegue tão bem identificar o que acontece com as margens do Tejo do que quem trabalha lá dentro, do que os pescadores. No meu caso, com o meu filho Tiago desempregado, ele vai tirar a licença e vai para a pesca, para a lampreia e para o sável. Não é vergonha trabalhar e ser Avieiro, apesar de nós sermos descendentes deles. Eu sinto muito orgulho em ser Avieiro. Dantes chamavam-nos *ciganos do mar* mas a gente não se importa. Agora até já não chamam, mas eu tenho orgulho naquilo que fazemos. Dá gozo.

P: - O escritor Alves Redol, quando escreveu aquele livro, *Avieiros*, fala dos “ciganos do rio” e refere que são como ciganos porque eles vão para onde o peixe se desloca e que, por isso, nunca têm um sítio fixo para estar, são sempre nómadas, tal como os ciganos ...

JL: - São nómadas porque iam e vão para onde vai o peixe. Vinham para o Patacão, onde estamos agora, para fazer uma safra ao sável e à lampreia, nos três meses de Inverno. Mas se aqui não desse, eles iam mais para baixo, onde o peixe estivesse. Por isso foram ficando, porque estes eram os melhores sítios – Patacão, Caneiras, Palhota, Escaroupim...

ELC: - No meu caso, àqueles que iam daqui à pesca lá para baixo, para a zona do Porto da Palha, chamávamos nós a eles os *bata águas*.

P: - “Bata águas”?

JL: - *Bate águas!* Ou então *bat’águas!* [risos]

P: - *Bat'águas*... Porquê?

JL: - Porque iam d'água abaixo, com um barquito, com um *toldeco* [pequeno toldo], numa coisa mal enjorcada, mas já tinham velas.

P: - Eles iam atrás do peixe...

JL: - Atrás do peixe não. Iam ao encontro do peixe, porque desciam o rio do Patacão até ao Porto da Palha, à procura dos sítios onde estava o peixe. Eles sabiam que nos dias de Janeiro, em que as lampreias e os sáveis começavam a subir o rio, era a altura de ir ao encontro do peixe, fazer a tal companhia. A pesca é sazonal aqui, são dois ou três meses. Depois vinham a remos, à vara, ou à vela e regressavam aqui, para o Patacão, ou para as outras aldeias ao longo do Tejo – Barreiras da Bica, Caneiras e todas as que nós conhecemos. Nessa altura conseguiam navegar e hoje não conseguem, por causa do assoreamento.

P: - Vale a pena defender a cultura Avieira?

JL: - Com certeza que vale! Não vejo onde é que ela possa prejudicar alguém, pelo contrário. Vejo interesse a nível nacional ou internacional.

P: - O João Lobo está a ajudar-nos com a sua carrinha, e com um reboque, a recolher vários barcos Avieiros antigos de madeira, que de outra maneira seriam destruídos. São barcos Avieiros de vários tipos que a gente nem pensava que existiam. O João Lobo ajudou-nos a



trazer uma bateira muito antiga do Porto da Palha, já lhe pedimos ajuda para irmos a Alcácer do Sal, porque Avieiros de lá nos ofereceram bateiras típicas de Alcácer do Sal. Não vamos trazer ainda a chamada “bateira de Alcácer”, que lá está e que tem mais de 9 metros de comprimento, porque não temos capacidade para recolher tantas embarcações. Mas sabemos que existem no Tejo nove tipos diferentes de embarcações Avieiras, desde o saveiro da Póvoa de Santa

Iria – que tem 8,90m. de comprimento – até a um caçarico ou passa-valas que esteve aqui no Patacão e que os Avieiros construíram para pescar nos ribeiros e malagueiros do Tejo. Foi o António Petinga que ofereceu ao nosso projecto o seu caçarico. Só pelo barco e pela variedade de embarcações Avieiras se pode ver a enorme riqueza cultural e patrimonial. Vale a pena lutar para que a vossa cultura seja reconhecida. Mas hoje a gente viu aqui os Avieiros a ajudar na recuperação da aldeia Avieira do Patacão. Fizeram-no de uma forma altruísta e generosa. Hoje deu-se aqui um grande esticão no trabalho...

JL: - Voltei aos meus tempos de jovem, com um grande orgulho e às recordações de quando eu tinha 17 e 18 anos, com muito entusiasmo.

ELC: - Com muito entusiasmo porque hoje estivemos a limpar uma aldeia que ficou abandonada e que em algumas partes está destruída devido ao abandono.

P: - Temos a obrigação de a recuperar e de a pôr no estado em que ela estava antes de ser abandonada?

JL e ELC: - Com certeza!

P: - Acham que vale a pena que os Avieiros possam ter uma voz única para defender o seu património, a partir da constituição de uma Associação dos Avieiros?

JL: - Acho que é de todo o interesse, público até, porque estamos a falar de uma cultura importantíssima. Uma associação onde os Avieiros possam ter uma voz, os Avieiros e os descendentes, porque estes tiveram que se voltar de novo para o rio. Já há bocado falei do caso do meu filho, o Tiago – que hoje esteve aqui connosco a trabalhar – que decidiu começar a trabalhar no rio como pescador, no sável e na lampreia. Com orgulho. Vamos trabalhar, não estamos a prejudicar ninguém, e fazemos isso pelas nossas raízes e pela necessidade. As raízes continuam e o trabalho é digno. Os meus antepassados viveram do Tejo e eu voltei-me para o rio. O meu filho que está desempregado também tem que se voltar para o rio. Isso é um orgulho porque as nossas origens estão a manter-se.

P: - Essa decisão também tem a ver com o regresso do sável e da savelha...

JL: - Penso que sim. Nos últimos 10 anos nota-se que está a aparecer mais sável e que a lampreia também aparece. O rio parece que está mais despoluído porque se está a trabalhar para isso, mas pode-se estar muito melhor, porque se vê ainda muita coisa triste como poluições devido a descargas, como por exemplo para a Vala de Alpiarça, para o rio Alviela, para a Vala de Azambuja – são as pecuárias, os curtumes, as adegas – tudo vai ter ao rio. No caso da agricultura tudo está mais controlado, porque os pesticidas e outros químicos estão controlados pela União Europeia, mas pode e deve trabalhar-se muito mais nesse controlo.

P: - Se se continuar a trabalhar assim pode melhorar-se ainda muito mais, para haver mais sável, mais lampreia, mais savelha e para que o rio possa voltar aos poucos a ser rico e a proporcionar mais riqueza aos pescadores...



JL: - Sim, sim! Tudo o que tiver a ver com águas limpas é bom para o peixe e para a nossa pesca. O peixe volta logo.

P: - Tiago (T), nós hoje fizemos aqui um bom trabalho e avançou-se muito na limpeza da aldeia do Patacão e no alagamento da maracha. Tu nunca paraste de trabalhar durante todo o dia – valeu a pena vires aqui ajudar à recuperação deste património?

T: - Valeu. Eu gosto disto, por isso vale sempre a pena.

P: - Tens ideia dos teus avós ligados ao rio e à pesca? Tu próprio te queres ligar ao Tejo e à pesca, confirmas?

T: - Desde miúdo que sempre me vi ligado ao Tejo, no Porto da Palha. Os meus antepassados pescaram aqui no rio, no Patacão e também no Touco, que é na Vala de Alpiarça. Eu ia sempre com eles e lembro-me bem daqueles tempos.

P: - Parece que decidiste começar a pescar por tua conta...



T: - Vou começar a campanha da lampreia e do sável. Já lá andei há mais anos mas era só para ver e a ajudar no que fosse preciso. Este ano vou fazer por mim porque isto está mau.

P: - Temos que fazer pela vida. Lembras-te dos teus avós, tens orgulho neles?

T: - Sim, claro! Agora já não têm força para trabalhar, mas trabalharam durante uma vida inteira, desde novos, até não conseguirem mais. Trabalhavam de dia e de noite, conforme aquilo que o Tejo dava. Tinham que ganhar para alimentar os filhos, e para ganhar algum.

P: - São bons exemplos para a nossa sociedade...

T: - São bons exemplos. Há muita gente de trabalho, mas há muitos que estão sempre à espera de trabalho fácil...

P: - Nós vimos aqui uma vez por mês para limpar a aldeia e para recuperar a maracha. Este ano oferecemos setenta dias de trabalho voluntário. O trabalho não é fácil, pelo contrário – é muito duro! Quando aqui voltarmos em Janeiro de 2012, querem ajudar-nos?

T: - Podem contar com a minha ajuda!

P: - Muito bem, se assim o dizes contamos contigo. A tua promessa está gravada! [risos]

JL: - Não vem só ele, vem a família. Foi o pai que o trouxe hoje e voltará a trazê-lo. Isto também está gravado! [muitos risos]



ELC: - Para nós o Tiago é uma máquina.

JL: - Há uma coisa curiosa que é: - o Tiago era uma nulidade a alagar maracha porque nunca tinha feito o trabalho. Hoje para os primeiros paus de salgueiro não sabia como aplicar o serrote, para não cortar a árvore toda. Mas depois de lhe ter sido explicado, já estava dentro do esquema.

ELC: - Agora é o professor, ao fim de pouco tempo! Ele é que puxa! [risos vários]

P: - Também ficou gravado... [risos de novo] Esta foi uma entrevista que fizemos com Avieiros que estão a ajudar a recuperar o seu património...

ELC [interrompendo]: - Refere os Avieiros, mas para a malta da Azambuja [a aldeia do Porto da Palha pertence ao concelho de Azambuja], nós somos *Cagaréus*. Para mim, a palavra Avieiro aplica-se melhor do que *Cagaréu*. A minha mãe morreu com 84 anos, há oito anos atrás. Quando ela morreu já os seus pais cá estavam, o que quer dizer que os Avieiros já estão no Tejo há mais de cem anos. O meu avô já cá nasceu, como descendente de outros Avieiros que para aqui vieram.

JL: - Eu pertenço à sexta geração da minha família.

P: - Os que têm apelido de Lobo encontram-se em toda a zona da Gândara e em Vieira de Leiria, o que quer dizer que a vossa família tem raízes muito antigas, podendo ter vindo daquela zona marítima...

ELC: - Numa certa altura vinha mais gente da Murtosa do que de Vieira, para fazer aqui as companhas do sável. Hoje, os da Praia de Vieira de Leiria ficaram cá e os da Murtosa foram-se todos embora. Eles vinham para aqui para uma companha e depois partiam e fizeram sempre assim, não tendo aqui deixado nada.

P: - Pelo contrário, os Avieiros deixaram aqui uma cultura muito própria...

ELC: - Por exemplo, quando os meus filhos se casaram, foi num restaurante num sábado e foi o pai que pagou o almoço aos filhos para os convidados virem todos. Foi num pavilhão na Azambuja. Mas depois manteve-se a tradição Avieira – foi oferecido aos convidados um almoço no domingo e a comida foi feita por nós. Não se contrataram cozinheiros. O ambiente foi bom porque durante dois ou três dias a comunidade foi reunida, como era antigamente.

P: - Estamos agora a falar sobre as tradições Avieiras, mas já é praticamente de noite, aqui no Patacão e estes assuntos poderão ficar para uma nova e próxima oportunidade. O projecto agradece-vos bastante o vosso trabalho voluntário!



Reabilitação da aldeia Avieira do Patacão. Sessão de trabalho voluntário realizada em 17 de Dezembro de 2011. No decurso do ano de 2011, foram oferecidos 70 (setenta) dias-homem de trabalho voluntário para a reabilitação do Patacão, em Alpiarça.

PORTEFÓLIO FOTOGRÁFICO



O rio Tejo no Patacão, muito calmo, na fria manhã em que foi feito o alagamento de salgueiros.



O início do alagamento dos salgueiros da maracha do Patacão, pela equipa de Avieiros.



Um dos Avieiros carrega às costas um forcado feito de ramo de salgueiro, por ele cortado. O objectivo do forcado é o de puxar o ramo que está a ser alagado para o encaminhar no sentido jusante do Tejo. Os salgueiros, antes de serem cortados, são atados com uma corda no sítio do corte para evitar que a árvore rache na altura de ser alagada. Evita-se assim que venha a secar. Houve sempre o cuidado de tombar os salgueiros no sentido jusante do Tejo para prevenir serem dobrados, arrancados e arrastados pelas águas numa eventual cheia.



A equipa de Avieiros a trabalhar no alagamento de salgueiros. A operação foi atempadamente autorizada pela CCDR-LVT da região de Santarém. Foram utilizados meios manuais, como serrotes, para cortar os salgueiros até metade do tronco para facilitar o seu alagamento. Na foto, da esquerda para a direita: Tiago Miguel Mendes Cristino, Emílio Lobo Cristino, Augusto Cristino Grilo (de costas) e João Luís Lobo Cristino.





João Lobo Cristino ata uma corda ao ramo de salgueiro no sítio em que o corte será feito, para proteger o tronco - cortado a meio - de ficar rasgado na altura do alagamento.



O salgueiro já preparado para ser alagado, com um corte a meia haste por debaixo da corda. Esta está devidamente enrolada e segura por um nó. É um trabalho rápido mas que requiere perícia, resultado de muitos anos de experiência.



O ramo de salgueiro está a ser cortado, com meio-corte na haste a alagar, enquanto Augusto Cristino Grilo segura uma corda atada à parte superior do ramo, preparado para o puxar e alagar na direcção certa, para jusante do Tejo. [pela foto se repara que a barriga do Augusto está muito pronunciada].



Depois do ramo alagado, procede-se à retirada da corda. Em primeiro plano está Emílio Lobo Cristino.



Da parte da tarde desse dia, já na aldeia do Patacão junto ao dique, procedeu-se à remoção de um enorme salgueiro, já seco, que em tempos caiu e cortou ao meio uma casa palafítica. Os Avieiros consideraram ser este um dos maiores salgueiros do Patacão, o que explicou o ocorrido com a casa.



Um aspecto dos trabalhos de remoção do salgueiro. Augusto Grilo observa...



É aqui de novo colocada uma corda para facilitar o trabalho de remoção da árvore.



Devido ao seu enorme peso, o ramo teve que ser puxado com a ajuda do carro de tracção integral do Augusto Grilo.



A fase seguinte foi a de cortar o enorme ramo em troncos pequenos



Os troncos pequenos e os desperdícios produzidos pela limpeza da aldeia foram empilhados e queimados, numa queimada controlada, devidamente autorizada, e na presença dos Bombeiros Voluntários de Alpiarça. Na pilha encontravam-se os restos da limpeza realizada no Verão.



A presença dos Bombeiros Municipais de Alpiarça foi fundamental para o sucesso desta parte do nosso trabalho.





As figueiras tomaram conta de algumas casas junto do dique do Patacão, pelo que da parte da tarde o nosso trabalho consistiu na remoção destas árvores que deixaram as casas de madeira muito danificadas. Na foto, João Lobo está em plena actividade.



O trabalho, aqui já mais evoluído, com João Lobo e o seu filho Tiago Cristino. Foi um dia duro de actividade.



No mesmo dique, mas mais à frente, o trabalho consistiu em desbastar silvas e figueiras para abrir o caminho ao longo de todo o paredão. Há meses atrás, todo o dique estava praticamente coberto de figueiras e de silvas. Na imagem está Armindo Leite, da AIDIA, em plena actividade.



Junto das casas de madeira, onde as máquinas não entram, procedeu-se à limpeza do terreno com recurso a trabalho manual.



Na extremidade do dique, ao fim do dia, os trabalhos demonstravam que se estava a conseguir limpar todo o espaço. Hoje já se consegue passar livremente em todo o dique.





Os últimos gestos para desbastar um matagal cerrado que tinha tomado conta do dique e da aldeia do Patacão. No início de 2011 era impossível passar ao longo do dique. Neste mesmo ano foram aqui oferecidos à comunidade 70 dias-homem de trabalho voluntário, como se referiu.

TEXTO DE APRESENTAÇÃO DA PRESENTE FOLHA INFORMATIVA

A reabilitação da aldeia Avieira do Patacão, em Alpiarça

As nossas melhores saudações,

Decorrem os trabalhos de limpeza da aldeia Avieira do Patacão, em Alpiarça, dinamizados pela AIDIA – Associação Independente para o Desenvolvimento Integrado de Alpiarça. Os trabalhos decorrem há cerca de dois anos, envolvendo sempre cidadãos voluntários. No ano de 2010 foram lá oferecidos 80 dias de trabalho-homem e no ano de 2011 foram oferecidos 70 dias de trabalho-homem, o que perfaz até hoje 150 dias de trabalho voluntário para limpar a aldeia histórica. A Câmara Municipal de Alpiarça cedeu maquinaria, sem a qual os trabalhos não se teriam desenvolvido tão rapidamente.

A aldeia começa a mostrar a sua face limpa, porque num sábado em cada mês estas pessoas prescindiram do seu descanso para cumprirem com uma missão cívica e cultural. Por lá vão continuar até que a aldeia esteja completamente limpa.

No dia 17 de Dezembro de 2011, cumpriu-se mais um sábado de trabalho voluntário. Conseguiu-se juntar nove pessoas para continuar a limpar a aldeia abandonada, e alagar a maracha do Tejo. Contou-se com a colaboração dos bombeiros municipais de Alpiarça, que vieram assistir a uma queimada controlada dos resíduos de vegetação que praticamente “engoliu” a aldeia e que agora houve que remover integralmente, o que ocorreu neste dia.

Aproveitou-se o dia também para alagar, ou tombar, salgueiros na maracha do rio Tejo – na zona do Patacão – como forma de proteger as margens da erosão das cheias e defender as terras da lezíria ribatejana.

Dos voluntários, quatro eram pescadores Avieiros. Aproveitámos a sua presença para os entrevistar. Os seus testemunhos de vida e de trabalho deram origem à presente Folha Informativa.

O Gabinete de Coordenação

(Projecto de candidatura da cultura Avieira a património nacional imaterial e da Unesco)